



Este artigo foi publicado na edição 1, em dezembro de 2004, da revista eletrônica e-compós: <http://www.compos.org.br/e-compos>

SOBRE OBJETOS E ABORDAGENS - SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE

José Luiz Braga
Unisinos

Este texto corresponde a minha intervenção na Mesa de Síntese do IV Seminário Interprogramas da Compós. Uma dificuldade que se coloca na área, ao tentar abranger, em comentário, um determinado conjunto de elaborações intelectuais, é a de fazer o trabalho da articulação. Temos ainda, no estágio atual de constituição do campo acadêmico da Comunicação, uma grande diversidade, não domada por teorizações abrangentes que forneçam ao mesmo tempo:

- distinções internas do campo mais ou menos assumidas pela área em seu conjunto;
- acervos de base, em cada especialidade, nos quais os especialistas se reconheçam.

Lembramos que as perspectivas interdisciplinaristas (quando são evocadas) não eliminam a necessidade de especializações na pesquisa – apenas sugerem que estas não precisariam se fazer segundo a clivagem disciplinar.

O encontro dessa diversidade nos coloca, em tais situações, diante da questão de como fazer articular as diferentes angulações. No encontro que deu base à presente publicação, o tema geral foi “Comunicação & Sociedade”. Esse tema ofereceu, para os pesquisadores convidados, o mote principal que deveria nortear

suas reflexões. Detalhando mais o trabalho organizatório prévio, o encontro estabeleceu quatro sub-temas em que os dezesseis autores deveriam verter seus artigos: Teoria Social; Estética e Linguagens; Estudos Culturais; e Teoria da Notícia.

Além de espaços de teorização, os quatro temas apontam para as questões de sociedade com as quais, de um modo ou de outro, os estudos de comunicação se relacionam. Foram ainda definidas perguntas estimuladoras para nortear a reflexão dos autores convidados, que podem ser sintetizadas do seguinte modo:

- que problemas de sociedade são abordados, em tal área, pelos estudos comunicacionais?

- que modos de resposta têm sido oferecidos pelo campo da Comunicação?

Se estas perguntas fossem o mote de uma pesquisa histórico-epistemológica, a dupla questão levaria a levantamentos e reflexões não exatamente *dentro* de cada área de interesse, mas *sobre* cada uma delas. Seriam então trabalhados, em princípio:

- um levantamento de temas e de problemas de pesquisa que a área de interesse tem historicamente abordado (eventualmente interpretando as bases de tais preferências de enfoque e da pertinência destas, com relação aos objetivos e aos fundamentos desenvolvidos);

- uma observação das construções específicas de modos de abordagem, das teses e das hipóteses, das descobertas e das interpretações que configuram o acervo conceitual e propositivo já desenvolvido naquele âmbito.

Mas, naturalmente, tal tipo de abordagem exigiria um trabalho articulado de equipe, para cada sub-tema; e/ou um trabalho de longos anos – como uma tese de doutorado, por exemplo, ou uma pesquisa histórico-epistemológica de fôlego. Assim, não esperamos que os textos apresentados façam tal estudo. O que eles naturalmente fazem – como artigos e apresentações em Seminário – é levantar determinados objetos – em recorte teórico e/ou de referências ao mundo empírico, nos quais encontram ou propõem determinados *problemas* de articulação entre os estudos de Comunicação e questões “de sociedade”; ou determinados *tipos de resposta*. De certo

modo, se oferecem como objeto possível para aqueles estudos epistemológicos e históricos.

Assim, para o gênero de elaboração acadêmica caracterizado pelo esforço de “mesa de síntese” (que fizemos, durante o encontro), do qual decorre o presente artigo – com o objetivo de “articulação da diversidade” – os artigos apresentados são assumidos não exatamente como “reflexões com as quais devemos debater”, mas sobretudo como um *corpus* de objetos bibliográficos a ser analisado.

O ideal, então, com esse *corpus*, seria fazer uma pesquisa extensiva para observar – mais do que o que os textos dizem, o que eles fazem. Ou seja: quais as ações empreendidas pelos textos e falas, diante da articulação pré-figurada por aquelas perguntas. Deveríamos ir além dos objetos propostos, para tentar perceber (nos objetos referidos, nos temas enfocados e nas abordagens defendidas) onde parece ser estabelecido o espaço – social, material ou conceitual – em que as coisas acontecem. Isso corresponderia a estudar, em cada apresentação, o desenho do contexto dinâmico de referência, no qual se encontram as interações tomadas como relevantes. O objetivo de tal estudo seria descrever as estruturas significativas que articulam tanto os processos comunicacionais na sociedade, como a apreensão sistematizada ou conceitualizada destes processos – conforme cada artigo.

Tal estudo, porém, como se percebe com facilidade, seria um empreendimento de fôlego, para além da dimensão temporal admitida para estas observações (na prática do Seminário, adstrita aos poucos dias anteriores, desde que recebemos os textos a analisar, e o próprio período do seminário, com a escuta das apresentações feitas a partir dos textos).

Assim, bem mais simplesmente, o que fazemos como análise são apenas duas observações transversais aos quatro temas. A primeira, de certo modo descritiva do conjunto, através de algumas observações sobre cada texto. A segunda, uma curta reflexão, em conseqüência, sobre como esse conjunto se relaciona com questões da área da Comunicação.

A questão que orientou o olhar para esse trabalho foi a da reflexão sobre como tais proposições se inscrevem no Campo da Comunicação (note-se: não *se se inscrevem*, o que seria outro tipo de questionamento epistemológico – mas *como se*

inscrevem). O exame mais acurado dessa inscrição exigiria uma análise dos que os textos *fazem* com seus objetos de abordagem. Entretanto tal análise ultrapassaria as possibilidades e objetivos do Seminário. O exercício, então, se limita a refletir sobre os próprios objetos e temas de referência dos artigos – o que permite, já, uma observação preliminar de enfoques. Depois, sobre essa constatação, poderemos nos perguntar o que significa a variedade exposta para o trabalho de construção do Campo.

Uma percepção prévia é a da variedade de patamares nos quais os objetos de referência dos artigos são construídos – variando de objetos teóricos a empíricos; de macro-objetos a objetos em perspectiva de forte especificidade. Partindo dessa percepção, e adotando-a como critério organizador, fazemos uma observação dos artigos transversal às temáticas (organizadas nos quatro grupos referidos acima). Junto à referência ao nome do autor de cada texto, indicamos entre parênteses o grupo temático em que o texto foi apresentado.

Distribuímos os 16 textos em sete conjuntos, organizados com base na caracterização assim feita de seus objetos. Temos então os seguintes agrupamentos por tipo de objeto do artigo:

- 1 – o campo comunicacional imbricado no campo social;
- 2 – teorias ou campos teóricos definidos;
- 3 – macro-objetos sociais (dentro dos quais o “comunicacional” surge como elemento central ou articulador principal);
- 4 – um macro-objeto expressamente comunicacional, o jornalismo;
- 5 – questões sociais abrangentes, hoje atravessadas pela circunstância histórica da mediatização da sociedade;
- 6 – uma questão social específica, igualmente atravessada pelos modos da mediatização da sociedade;
- 7 – um objeto comunicacional específico – produtos audiovisuais;

Conjunto 1 – o campo comunicacional imbricado no campo social. Os textos desse conjunto não tratam diretamente de instâncias do mundo social. Têm como objeto reflexões teóricas abrangentes sobre como pensar a comunicação e/ou como pensar a

sociedade. Adotam, portanto, uma atitude de ordem epistemológica – como se conhece ou como é possível conhecer a sociedade e os processos comunicacionais que nela ocorrem.

O texto de Immacolata Vassalo Lopes (Teoria Social) estuda as condições sociais que geram, em um momento histórico, disciplinas estanques; outro momento histórico, no qual necessidades de aportes de disciplinas sociais diferentes para tratar questões complexas levaram a uma redução na rigidez das fronteiras (é o período de ênfase interdisciplinar); e agora, com a globalização, novos desenvolvimentos, através de perspectivas trans- ou pós-disciplinares. O artigo coloca a necessidade de “aprofundar a questão da condição disciplinar da pesquisa em Comunicação” – percebendo aí “as tensões e políticas, na medida em que a institucionalização de um campo supõe sua especialização disciplinar”.

José Gatti, apresentando seu texto com Bárbara Heller, Haydée Dourado e Solange Wajnman (Teoria Social), faz a proposta de uma perspectiva interdisciplinar na qual se observa que tanto a mídia como elementos abrangentes de apreensão do social (tais como a cultura e a ideologia) se produzem mutuamente.

Gottfried Stockinger (Estética e Linguagens) faz uma proposta que, embora partindo de uma visada estética, reflete sobre o campo da Comunicação no seu todo, a partir de perspectivas de Niklas Luhmann.

Conjunto 2 – trata de teorias ou campos teóricos definidos – dentro do âmbito geral de teorizações sociais – com referência expressa a objetos ou a contextos sociais a serem construídos e observados segundo tais teorias. Temos aqui igualmente três textos.

No artigo de Sidney Ferreira Leite (Estudos Culturais), o enfoque não é diretamente sobre um “âmbito de sociedade” ou comunicacional empírico. Acompanhando um autor específico, Douglas Kellner, assume um determinado ângulo teórico privilegiado para o exame de questões de comunicação e sociedade. Com base nas contribuições de Kellner, o artigo de Sidney Ferreira corrobora o interesse em articular “as duas mais importantes tradições de pensamento no campo da Comunicação, isto é, a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais britânicos”.

Valdir Morigi (Teoria Social) faz uma seleção de algumas propostas teóricas para observar o que a Teoria Social pode nos oferecer. Privilegiando a relevância do conceito de “representações sociais”, busca referências em Durkheim, Moscovici e Eliseo Verón. O artigo finaliza em perspectiva propositiva sobre como se deveria recriar representações sociais capazes de mobilizar a vontade coletiva.

Alfredo Vizeu (Teoria da Notícia) apresenta uma proposição teórico-metodológica sobre os estudos de jornalismo. O jornalismo, ao se colocar como principal espaço de debate das questões de interesse público, pode ser considerado “como um campo fundamental para compreendermos como a realidade é construída cotidianamente”. Propõe assim o interesse em estabelecer aproximações entre a teoria das representações e os estudos da notícia.

Conjunto 3 – macro-objetos sociais dentro dos quais o “comunicacional” surge como elemento central ou articulador principal.

No artigo de Renato Cordeiro Gomes (Estudos Culturais), o objeto é a cidade como arena de multiculturalidade. Aparecem aí, entre outros ângulos: a cidade como objeto por excelência dos processos interacionais relevantes, se caracterizando como “ampliação da arena política”; nesse âmbito, a recuperação do espaço público; perspectivas em que se observam questões como heterogeneidade, dispersão, contraste, desigualdades, a paisagem urbana como uma justaposição de artefatos efêmeros. Apesar da complexidade aí percebida, observa uma requalificação da cidade contemporânea.

O artigo se relaciona com as questões comunicacionais através da seguinte perspectiva: “a cidade [...], como arena de multiculturalidade, está articulada com a nova cultura comunicacional, ou é também engendrada por ela, através da mediação tecnológica”.

No texto de Angela Prysthon (Estudos Culturais), o macro-objeto observado poderia ser referido como a nova percepção do que era chamado “terceiro mundo”. O artigo assinala que “o paradigma Terceiro Mundo desaba porque é excessivamente indiferenciador”.

Trata, então de uma perspectiva ampla do cultural e do social no nível mais macro-interacional, que é a das relações entre culturas; e particularmente, entre culturas clivadas pela demarcação que distingue países centrais da instauração burguesa e do capitalismo e países periféricos em relação a esse centro.

Isso corresponde, de certo modo, à ascensão da voz do Outro do capitalismo colonizador. Esse Outro (que somos nós, na nossa variedade ex-colonizada) agora domina o instrumental teórico do “centro” – mas deve rever esse instrumental para, através dele, se dizer a si mesmo. É o que se explicita na citação de Richard, “dar ao sujeito dessa diferença o direito de negociar suas próprias condições de controle discursivo” .

Conjunto 4 – um macro-objeto expressamente comunicacional, o jornalismo, tomado ora como questão social, ora como espaço e processo gerador de conhecimento sobre o social.

O artigo de Afonso Albuquerque (Teoria da Notícia) faz uma reflexão a partir da área acadêmica. Deste ponto de vista “externo”, que se distingue expressamente da visada jornalística, busca apreender *o jornalismo na sociedade*. Centraliza aí a construção da identidade jornalística no Brasil. A construção desse objeto-e-ponto de vista é oferecida, no artigo, em quatro níveis:

- pesquisas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal Fluminense;
- a experiência do próprio autor em pesquisas sobre a questão;
- o estudo de um episódio exemplar – a proposta do Conselho Federal de Jornalismo;
- o espaço de algumas questões metodológicas, referentes à prática da pesquisa sobre o tema.

Elias Machado (Teoria da Notícia) defende um conhecimento do objeto “jornalismo” a partir de um ponto de vista teórico e metodológico “interno”, construído no mesmo espaço da constituição das práticas de elaboração jornalística na sociedade. A premissa que viabiliza essa proposição é a posição adotada pelo Autor, que vê o jornalismo como campo social gerador de conhecimento.

Conjunto 5 – questões sociais abrangentes, hoje fundamente atravessadas pela circunstância histórica da mediatização da sociedade. Quatro questões dessa ordem foram abordadas: a estética; a arte; a ciência; e a narrativa. Todas, evidentemente, preexistem à mídia e atravessam os tempos históricos. Todas, paralelamente, são avassaladas de modo radical pela presença da mídia.

Cláudio Bertolli Filho (Teoria Social) faz dois movimentos. Um deles é uma reflexão sobre a Ciência na Sociedade – sua produção, suas falhas, suas interferências. Observa aí “duas culturas” de relacionamento da sociedade com sua ciência: a cultura da segurança; e a cultura do risco.

Sobre essa reflexão, baseada em teorizações de âmbito social, particularmente em Giddens, expõe, levantadas em sua pesquisa, algumas versões produzidas pela mídia. Mais exatamente, observa que essas versões são co-produzidas entre o profissional jornalista e “os valores culturais predominantes na sociedade em que [ele] está inscrito”.

César Guimarães (Estética e Linguagens) faz reflexões e referências ao próprio conceito de estética, buscando autores para viabilizar uma abordagem de relações entre a experiência estética e a vida ordinária. Para isso, observa a necessidade de distinção entre a experiência estética e os julgamentos de valor.

Embora o artigo só refira *en passant* o tipo de material mediático que assombra nossas inquietações de pesquisa (ao referir-se aos “novos meios de reprodutibilidade técnica [...] que disseminariam uma forma de experiência estética degradada...” – na perspectiva dos que subsumem a experiência estética aos julgamentos de valor) – é evidente o interesse das reflexões feitas para quem quer que aborde esse tipo de material “sem valor estético”.

Esse interesse foi confirmado, na apresentação feita pelo Autor, quando se referiu aos materiais empíricos que sua pesquisa eventualmente abrange.

Arlindo Machado (Estética e Linguagem) aborda um tipo especial de objeto: a artemídia. O objetivo do artigo parece ser, justamente, uma construção reflexiva desse objeto – expondo determinadas características que o distinguem. Traça assim uma diferença nítida entre o que é, de um lado, a mera produção de desenhos

agradáveis para as mídias de massa e, de outro, a busca de uma ética e uma estética para a era eletrônica. Assume, para a artemídia, o desafio de se contrapor ao determinismo tecnológico – e de “manejá-lo no sentido contrário ao de sua produtividade programada”.

Nessa perspectiva, o objeto é percebido naquele ângulo em que a arte, relacionada aos processos mediáticos, se põe entretanto como uma espécie de vanguarda transformadora e crítica dos próprios processos generalizados e ordinários.

Uma segunda perspectiva complementa a primeira: o objeto apresenta também a potencialidade de geração de “alcance estético em produtos de massa, fabricados em escala industrial”. A artemídia se apresenta, assim, como “um campo de possibilidades e de energia criativa”.

Luiz Gonzaga Motta (Teoria da Notícia) observa o jornalismo *enquanto narrativa*. Trata-se de entender processualidades do jornalismo não nas perspectivas em que este define o seu fazer na sociedade e as regras desse fazer. Mas sim em cotejo com um outro movimento, uma outra ação ou atividade ampla a que se dedicam as sociedades: *o contar* do que acontece, ou se deseja ou se teme acontecer.

Nesse patamar, são escolhidos três grandes objetos que compartilham, segundo modos diferenciados, as narrações pelas quais as sociedades entretêm suas “imagens”: a história, a ficção e o jornalismo. O artigo observa, então, modos específicos desse terceiro objeto.

Conjunto 6 – próximo ao anterior, trata-se de uma questão social específica, que é atravessada pelos modos da mediatização da sociedade. Única diferença é que, no conjunto anterior, as questões pareciam conceitual e historicamente mais amplas; e aqui, é mais especificada ou socialmente explícita. Embora pudesse ter incluído o único texto deste conjunto no grupo anterior, preferi dar-lhe o destaque de sua especificidade.

No artigo de João Freire, Micael Herschmann e Raquel Paiva (Estudos Culturais), o objeto social é a diferença de grupos marginalizados – que recebem representações desfavoráveis a partir das percepções hegemônicas.

A parte inicial do artigo constrói a base conceitual de abordagem daquele objeto – em torno do conceito de estereótipo e de seu funcionamento na construção de representações sociais. A segunda parte, baseada em pesquisa empírica, evidencia tal tipo de construção com relação ao *funk* no Rio de Janeiro. Uma parte final do artigo dá conta, em outro ângulo, de atuações no próprio âmbito social, em reação contra a processualidade cristalizadora do estereótipo: as ações de contra-representação.

Conjunto 7 – oferece um tipo de objeto comunicacional específico, no âmbito dos produtos audiovisuais – referido a uma construção mercadológica que seria geradora de transbordamentos entre formatos e veículos.

O artigo de Selma Regina de Oliveira observa relações entre linguagens de diferentes meios e produtos, no cinema, nas histórias em quadrinhos e em videogames – que ocorrem pela transferência de “histórias e personagens” e de determinadas disposições expressivas entre uns e outros.

Essas transferências se organizam sobretudo em torno do elemento considerado genético no artigo – a imagem – que os vários meios e veículos compartilham; em torno dos agenciamentos de temporalidade que trabalham; e a partir dos interesses mercadológicos que parecem determinar aquele transbordamento.

Algumas reflexões

Seria interessante refletir sobre os agregados assim formados, em relação aos temas de inserção. Tanto na confluência entre grupo temático e tipo de objeto como na dispersão, tenho a impressão de que reflexões poderiam ser desenvolvidas. Malgrado as confluências (que às vezes parecem casuais), o tema comum não gera necessariamente um mesmo patamar de reflexões; e um determinado patamar não trata dos mesmos temas.

Por outro lado, sobre todo o conjunto parece se instalar um horizonte comum. Uma parte dos artigos trabalha diretamente – outra parte, indiretamente – dentro da perspectiva em que a sociedade mediatizada é o contexto gerador principal de nossas preocupações e portanto de nossos objetos de pesquisa. Isso corresponde a dizer – ainda que apenas potencialmente – que sempre poderíamos referir nossa reflexão, de um modo ou de outro, a esse macro-objeto.

Diria, assim, que esse é um ângulo de predisposição à consensualidade na área. Dentro dele, é claro, podemos perceber variações e polêmicas em pelo menos dois níveis:

- (a) sobre a abrangência e a seleção dos elementos de relevância do que seja a Sociedade Mediatizada;
- (b) sobre os modos e a explicitude com que articulamos nossos objetos mais específicos de interesse e esse macro-objeto.

Cada um dos artigos poderia ser analisado nessas duas perspectivas – e perceberíamos uma variedade e uma potencialidade muito rica de debate nessa clivagem.

Um problema aí envolvido, e sobre o qual precisamos refletir em nosso trabalho de pesquisa é o das articulações entre o âmbito reflexivo com base em teorias estabelecidas; e o âmbito das questões de sociedade, enquanto observadas no mundo da vida, nos acontecimentos (e sobre as quais, em princípio, *fazemos teoria* a partir de nossos problemas de pesquisa). Isso se refere aos modos como são articulados – e mutuamente tensionados – de um lado, *posições* teóricas, de outro, *problemas* de pesquisa (busca de desenvolvimento de conhecimento novo sobre determinadas questões de comunicação e sociedade).

Trata-se aí da relevância de tensionar mutuamente nossos problemas concretos de pesquisa e nossas referências bibliográficas preferidas. Dado um dos termos – que desafios e tensionamentos este traz para o outro? Os artigos apresentados no IV Seminário, e aqui publicados, ora privilegiam um dos termos, ora outro, como é normal e esperável; em alguns casos, direta ou indiretamente, ambos. A questão a ser posta – como possibilidade de *leitura ativa* de cada artigo – seria:

como tais posições teóricas podem ser tensionadas por questões e problemas de pesquisa? Como tais objetos empíricos poderiam ser reconstruídos por tais e tais angulações teóricas?

Creio que, ocorrendo preferências diferenciadas, tanto de teorias como de modos de construção de problemas, o verdadeiro avanço acadêmico da área decorreria mais desse tipo de tensionamento do que do debate vazio (pois em nível abstrato) sobre se esta ou aquela abordagem é ou não a mais pertinente. Note-se que não estou sugerindo uma aceitação frouxa de qualquer coisa – mas sim defendendo a perspectiva de que o embate produtivo não se faz sem a demonstração concreta dos conhecimentos obtidos com base nas perspectivas preferenciadas. Nessa mesma linha, aparece a questão proposta por César Guimarães, durante os debates, sobre as “amarras do instituído”, em que assinalava a necessidade de refletir sobre nossa ação instituinte, de pesquisadores. Trata-se de observar o que a área *efetivamente* “inventa” – mais do que apenas se apoiar nos autores que autorizam a inventar.

De minha parte, e no mesmo sentido dessa intervenção, considero que a questão básica não é o que se pode dizer a respeito de nossas preferências teóricas ou epistemológicas – mas o que se faz, como pesquisa, com as preferências que temos.

Isso vale igualmente para o trabalho ensaístico. Em algum momento, durante os debates, surgiu a questão sobre um eventual despreço pelo trabalho ensaístico. Embora eu não perceba a existência de restrições, na área, ao ensaístico, acho que se deve distinguir, com clareza, o que seja pesquisa do que seja ensaio, não se devendo fazer passar um pelo outro. Ambos geram publicações. Um bom ensaio certamente vale por suas contribuições à área. O que talvez se critique seja uma “facilidade ensaística”, elaborada apenas em nível abstrato a partir de leituras e desenvolvida como defesa doutrinária abstrata – eximindo-se à objeção e ao exame a partir de dados da realidade. Mas é claro que críticas correlatas podem ser feitas também a pesquisas sobre material empírico.

Com isso, acredito que os textos apresentados no IV Seminário Interprogramas representam contribuição significativa. Aqueles que referem pesquisas podem ser debatidos a partir de seus resultados (e é na riqueza do debate que propiciem que estará sua contribuição). Os que trouxeram proposições e

reflexões conceituais se oferecem ao uso que possa ser deles feito em trabalhos de pesquisa que, por sua vez, os tensionem.

Como fecho, eu consideraria que a principal questão para o desenvolvimento da pesquisa na área não me parece seja referente aos tipos de objetos, nem às teorias preferenciais, nem mesmo aos paradigmas de adoção. Mas sim o que fazemos com os objetos, as teorias, os paradigmas. Essa questão, “o que fazemos”, em minha perspectiva, corresponde a que problemas de pesquisa e que problemas *concretos* de reflexão construímos – ou seja, que conhecimentos específicos desenvolvemos sobre questões de sociedade.

Mais que a pertinência de campo, interessa *como construímos, no nosso objeto de pesquisa*, a pertinência que preferimos; e como a realizamos nas investigações efetivamente desenvolvidas (e não na pura argumentação abstrata das possibilidades teóricas).